



“A reivindicação é a mesma que a sua”: o lugar do leitor na ensaística política de Virginia Woolf

Lucas Leite Borba

Universidade Estadual de Alagoas, Alagoas, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0040-2344>

E-mail: lucas.leiteb@ufpe.br

RESUMO

O presente artigo analisa o ensaio enquanto gênero literário intrinsecamente ligado ao fomento do debate público e à resistência política, tomando como objeto central a obra *Três guinéus* (2019), de Virginia Woolf. A discussão fundamenta-se na premissa de que o ensaio traduz ações coletivas por meio de causas sociais, permitindo a emancipação do indivíduo em uma esfera pública que é, simultaneamente, sociológica e textual (Slaughter, 2007). O estudo busca investigar como a forma antissistêmica (Said, 1983) do ensaio oferece subsídios para que Woolf construa uma crítica contundente ao patriarcado, ao militarismo e às desigualdades de classe e gênero. A fundamentação teórica percorre autores como Kara Wittman (2022), que concebe o ensaio a partir da ideia de resistência e fundamenta o entendimento do gênero como um constructo coletivo. A metodologia consiste, inicialmente, em uma definição teórica da forma do ensaio baseada na interlocução e no lugar do leitor na construção desse gênero. Contextualizar o ensaio de Woolf e entender seus limites significa expandi-lo a partir de seus não ditos. Buscamos notar como o formato epistolar de *Três guinéus* posiciona o leitor, explicitamente, como um ente ativo na construção de sentido, transformando o texto em um “laboratório” de ideias e em um exercício prático de debate acerca de causas sociais. Outrossim, almeja-se fomentar a ideia de que o ensaio é um gênero democrático para a contestação de ideias, pois permite que o silêncio e as ausências também sejam políticos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio; Virginia Woolf; feminismo.



“The claim is the same as yours”: the reader’s place in Virginia Woolf’s political essays

ABSTRACT

This article analyzes the essay as a literary genre intrinsically linked to the fostering of public debate and political resistance, taking as its central object of study *Three Guineas* (2019) by Virginia Woolf. The discussion is grounded in the premise that the essay translates collective actions through social causes, allowing for the emancipation of the individual within a public sphere that is simultaneously sociological and textual (Slaughter, 2007). The study seeks to investigate how the anti-systemic form (Said, 1983) of the essay provides the groundwork for Woolf to construct a forceful critique of patriarchy, militarism, and class and gender inequalities. The theoretical framework includes authors such as Kara Wittman (2022), who conceives of the essay through the idea of resistance and establishes an understanding of the genre as a collective construct. The methodology consists, initially, of a theoretical definition of the essay form based on interlocution and the reader’s role in the construction of the genre. To contextualize Woolf’s essay and understand its limits means to expand it from its “non-said”. We aim to observe how the epistolar format of *Three Guineas* explicitly positions the reader as an active entity in the construction of meaning, transforming the text into a “laboratory” of ideas and a practical exercise in debating social causes. Furthermore, the study aims to foster the idea that the essay is a democratic genre for the contesting of ideas, as it allows even silence and absences to be political.

KEYWORDS: Essay; Virginia Woolf; feminism.

1. Introdução

Joseph Slaughter, em *Human Rights, Inc.* (2007), afirma que o discurso só ocorre em comunidades, ou por meio delas, e que as relações discursivas de uma esfera pública incorporam “O Povo” “como uma sociedade de leitura e debate política, social, cultural e sentimental; o que quer dizer que uma comunidade de um discurso público é tanto sociológica quanto textual” (Slaughter, 2007, p. 154, tradução nossa).¹ A esfera pública aglutina os cidadãos em um mosaico complexo de relações sociais mediadas pela comunicação. Neste artigo, argumentaremos que, dentre os gêneros literários, o ensaio traduz essa ação coletiva por intermédio de uma “causa”. Slaughter sustenta que o romance surge concomitantemente aos direitos humanos modernos, considerando a ascensão do gênero no século XVIII e a virada iluminista. Para o autor, o romance “publica em termos imaginativos as possibilidades sociais emergentes e limítrofes da emancipação do indivíduo na nova formação política do Estado-nação regido por direitos” (Slaughter, 2007, p. 156, tradução nossa).² Paralelamente à ascensão do romance, encontra-se o ensaio, gênero que também emerge da revolução do “eu” fomentada pela filosofia iluminista e se consolida sob essa nomenclatura a partir de Michel de Montaigne. Embora o ensaio e o romance sejam gêneros análogos e surjam no mesmo *milieu* cultural, apenas o romance se estabelece como tal em um primeiro momento. Este artigo tem como um de seus objetivos fomentar a tradição crítica do ensaio enquanto um gênero que fomenta o debate público, assim como o romance, para Slaughter.

¹ No original: “as a political, social, cultural, and sentimental reading and debating society, which is to say that a public speech community is both sociological and textual.”

² No original: “it publicizes in imaginative terms the emergent social possibilities and boundaries of the emancipation of the individual in the new political formation of the rights-bound nationstate.”



Ian Watt, em *A ascensão do romance* (1959), aprofunda o contexto socioeconômico e filosófico que subsidiou o surgimento desse gênero. O ensaio e o romance são forjados sobre a base da valorização da experiência individual; no entanto, enquanto o romance parece fixar-se na ficção, o ensaio atravessa esse terreno e assume também o caráter de documento histórico, comentário científico ou argumentação política. Assim como Watt não se refere ao ensaio em seu debate sobre o romance, Slaughter também não o faz ao tratar da emancipação do indivíduo representada por esse gênero. Contudo, o ensaio não apenas é um gênero que fundamenta a ideia de modernidade, como também nasce da fragmentação das estruturas sociais que deram lugar ao indivíduo, consolidando-se como uma forma que autoriza a própria alteridade do autor. Nesse sentido, a partir de uma análise de *Três guinéus* (2019), ensaio publicado em 1938 por Virginia Woolf, propomos uma investigação da relação do gênero com temas sociais emergentes, associando-o à mesma função atribuída ao romance por Slaughter.

O problema do ensaio enquanto gênero reside na ausência de limites rígidos de forma ou de tratamento dos temas, podendo transitar entre o literário, o filosófico, o político e o acadêmico. Claire de Obaldia, em *The Essayistic Spirit* (1995), observa que o ensaio constitui um contingente de estilos e formas que, embora encontrem uma raiz em Michel de Montaigne, parecem remontar a uma prática preexistente à qual o autor apenas deu nome. Para a autora, não é possível pensar no “ensaio” de modo unitário, mas sim em “ensaios” e “ensaístas”, cada qual com sua particularidade. Dessa forma, a liberdade oferecida pelo gênero estende-se também à sua recepção pelo leitor. A hipótese proposta é a de que o ensaio se constrói a partir de um leitor que participa ativamente da construção de sentido do texto, tornando-se um ente do gênero. *Três guinéus*, por ser estruturado em formato epistolar, com uma carta endereçada da voz do ensaio a um correspondente, exemplifica essa ideia. O leitor posiciona-se tanto como receptor do ensaio e da carta quanto como autor desta, assumindo a voz do ensaísta. Em se tratando de uma obra como *Três guinéus*, que lida com questões de gênero e classe relacionadas a patriotismo, educação, profissão e guerra, ocorre uma mobilização desses entes em torno de causas sociais. O ensaio torna-se, assim, um espaço de debate e um discurso contingencial de dispersão de ideias.

Metodologicamente, apresentaremos inicialmente uma possível forma do ensaio que, sem limitar sua definição, subsidie a análise de *Três guinéus*, fundamentado no pensamento de Kara Wittman em “The Essay in Theory” (2022). Ao afirmar que o ensaio se constrói também a partir da experiência do leitor, implicamos que essa experiência pode ser tanto consoante quanto dissonante. Para Frances Ferguson, em “The Critical Essay”, os ensaístas “ajudaram leitores a imaginar que eles mesmos poderiam tê-los escrito, e preparam leitores para perceberem as próprias experiências e como transpô-las para outros” (Ferguson, 2023, p. 49, tradução nossa).³ Destarte, esse pensamento construído em conjunto deve ser tomado, principalmente, não a partir de sua factualidade, mas de sua verossimilhança. O ensaio não lê a realidade de modo preciso, mas faz um convite para uma possível forma de visualizá-la. Ele não oferece respostas, constituindo-se

³ No original: “helped readers imagine that they themselves could have written them, and prompted readers to notice their own experiences and think of how they might convey them to others.”

antes como um exercício crítico. É a partir desse aspecto que investigaremos a obra de Woolf, observando inclusive suas ausências, para não recair no risco de universalizar seus argumentos.

Em um segundo momento, abordaremos a relação do ensaio enquanto um gênero antissistêmico (Said, 1983). Ao analisar as aproximações entre esse gênero, os direitos humanos e a justiça social, percebemos que o ensaio constitui um espaço de concentração e descentralização. Autor e leitor fundem-se em uma entidade complexa, uma voz que, por oposição ou acordo, autovalida-se. *Três guinéus* foi escrito no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, tendo como mote principal a resposta a uma pergunta feita por um homem instruído: como podem as mulheres ajudar a evitar a guerra? A partir desse questionamento, Woolf reconstrói o sentido de ser mulher na Inglaterra, apontando as incongruências da própria pergunta antes de respondê-la. Ao investigar esse contexto, Woolf endereça seu argumento às “filhas dos homens instruídos”; contudo, seu amplo círculo de leitores reage e interage com essas ideias, ampliando-as a partir de suas próprias ausências. Woolf não se universaliza: ela restringe-se ao seu próprio contexto, com uma obra que declara suas incongruências, e cujos limites são a fonte da fertilidade de suas discussões. A localização exata de seu argumento, seu contexto, não é um ponto de chegada, mas um ponto de partida. É sob essa perspectiva que este artigo busca identificar quais subsídios o ensaio, enquanto gênero, oferece a *Três guinéus* para torná-lo não apenas um texto, mas uma atmosfera de debate e um exercício de justiça social.

2. Usos e formas do ensaio

Kara Wittman, em “The Essay in Theory” (2022), argumenta que há, no ensaio, um “impulso consciente de escrever sobre suas experiências, sobre as particularidades do mundo na sua particularidade total, e também escrever sobre escrever essas experiências particulares” (Wittman, 2022, p. 78).⁴ Em sua etimologia, o gênero apresenta uma contingência semântica de tentativa e experimentação. Michel de Montaigne foi o primeiro a nomear sua prática como *essais*, transformando o verbo *essayer* em substantivo. Esse movimento de descrever particularidades constitui uma forma prolífica de aproximar o leitor de um pensamento e de sua formação, promovendo um caminho metodológico para torná-lo crítico de sua realidade. Por ser um gênero em *continuum*, visto que se define pela experimentação, o ensaio envolve o leitor em um “trabalho em andamento” cujo impulso natural é o de complementar o texto ou a ele reagir. Investigaremos, portanto, os efeitos do ensaio quando este possui uma camada política. Woolf apoia-se no gênero epistolar para elaborar seu argumento; no entanto, sua extensa pesquisa acerca das questões políticas da Inglaterra também percorre o texto. Ela insere dezenas de notas ao final da obra, tornando seu ensaio um manifesto embasado e permeado de factualidades para a construção de seu argumento. Assim, a análise de *Três guinéus* proposta no presente artigo visa entender como a forma do ensaio permite que Woolf desenvolva uma

⁴ No original: “the self-conscious impulse to write about one’s experiences, about the particulars of the world in their full particularity, and also to write about writing about these experiences and particulars.”



crítica social e como o ensaio, enquanto gênero, está arraigado em sua tradição a questões relacionadas à justiça social.

Por fim, *Três guinéus* ressalta um aspecto importante do ensaio enquanto gênero conversacional, o qual pressupõe um destinatário ativo em sua composição: o formato epistolar. Se, para Ferguson, o ensaio coloca o leitor nos caminhos trilhados pelo autor, Woolf o faz de maneira dupla ao posicionar o leitor tanto como destinatário quanto como autor da própria carta. Esse reposicionamento é relevante, pois o ensaio, sendo um gênero de formas diversas, permite que o autor experimente literariamente ainda que o objeto manipulado seja factual. Por que, portanto, escolher o ensaio e não o manifesto político como gênero para construir sua crítica? Nossa hipótese, a ser experimentada na análise, é a de que o ensaio permite que os argumentos de Woolf permeiem o imaginário social de maneira coletiva.

3. Ensaio enquanto resistência: uma análise de *Três guinéus*, de Virginia Woolf

Se o ensaio autoriza vozes tanto do autor quanto do leitor, ele promove um espaço para o fomento de novas ideias. Quando as vozes estão imbuídas de valor político, é possível imaginar que o ensaio seja o gênero literário no qual a resistência se manifeste de maneira mais eficiente. Wittman, em “Essay as Resistance” (2022), afirma que, na forma escrita, a resistência assemelha-se a “uma discussão, um protesto, uma dissidência; uma indignação, uma luta” (Wittman, 2022, p. 98).⁵ Para além desses embates, no entanto, a resistência ecoa como uma intervenção nos debates políticos e sociais, abrangendo desde questões relacionadas à escravidão e aos direitos civis até os feminismos e as ações afirmativas. O ensaio, portanto, funciona como um apelo à ação.

No caso de *Três guinéus*, como afirmamos anteriormente, o fato de ser um ensaio missivista estabelece um direcionamento claro. As cartas que Woolf tece compõem esse convite à ação de maneira direta, o que corrobora o pensamento de Wittman de que o ensaio, quando resiste, “o faz não apenas, talvez nem mesmo principalmente, com o que diz, mas também com o modo como diz e com o que deixa de dizer” (Wittman, 2022, p. 99).⁶ O ensaio é um gênero no qual forma e conteúdo se aglutinam; o modo de dizer constitui um aspecto em si. A escolha de Woolf pela carta, e mais precisamente por uma carta de resposta, aponta para uma ação e para uma necessidade. A diferença, no entanto, entre o ensaio e o manifesto — gênero também relacionado a reivindicações —, é que o primeiro se compromete igualmente com a estética. A resistência aqui é explicitamente política, mas também explicitamente poética.

A resistência do ensaio, devemos dizer, não é a mesma resistência dos corpos que dão os braços e marcham nas ruas. Ainda que essas formas de resistência também não sejam opostas uma à outra, elas não representam uma escolha irreconciliável. Escrever de maneira a rejeitar o “caminho linear” do método e, em vez disso, nos lançar naquilo que não sabemos, escreve Roland Barthes em *Como*

⁵ No original: “argument, protest, dissent; outrage, outcry and struggle.”

⁶ No original: “when an essay resists, it does so not only, perhaps not even mainly, with what it says, but also how it says, and how it says not.”

viver juntos, é reconhecer nossa irredutibilidade, o que é também reconhecer nossa força (Wittman, 2022, p. 110).⁷

O gênero epistolar é uma das maneiras pelas quais Woolf consegue desalinhar a lógica tradicional do argumento e da exposição de fatos. Em uma realidade fragmentada, a mera exposição não se efetiva; é preciso convencer e persuadir, não exatamente pela explicação, mas pela narrativa. É no aspecto narrativo, no caráter literário do ensaio, que se estabelece essa nova forma de resistência. Por tal motivo, Woolf também escolhe situar suas notas explicativas ao final da obra, deixando o leitor a sós com a autora da carta e seus destinatários. O fato não é o ponto de chegada de *Três guinéus*, mas o seu pavimento; os cenários hipotéticos e as sugestões conduzem a escolhas próprias e subjetivas, que não cabem nas linhas do texto. “Como podem as mulheres ajudar a evitar a guerra?” não é uma pergunta a ser respondida, mas uma ação a ser desempenhada. *Três guinéus* não é uma exposição de respostas, mas uma reelaboração de perguntas, pois é na não linearidade e na subversão estética que reside o potencial do ensaio.

Edward Said, em um ensaio intitulado “Swift as Intellectual” (1983), aponta um aspecto fundamental do ensaio enquanto gênero: sua natureza disruptiva. Said descreve Jonathan Swift como um grande panfletário político e polemista, admirando a “natureza provisória e antissistêmica do gênero ensaístico” (Robbins, 2022, p. 226).⁸ A transitoriedade do ensaio, especificamente no que Said entendia por ensaio político, reside no fato de que as questões se transmutam, e a força dessa escrita enraizada em um tempo e contexto específicos pode se perder. No entanto, o ensaio, embora arraigado ao autor e a um tempo determinados, possui também como tripé o leitor, que reinventa o texto a cada leitura. Isso não é apenas um exercício hermenêutico, mas um processo intrínseco ao gênero. O papel do leitor como ente do gênero ensaístico não é o de mero intérprete, mas de parte essencial da forma como o texto se estabelece. Todo ensaio intenta um leitor. A transitoriedade, portanto, é desmitificada no ensaio, visto que se trata de um gênero que tem a reinvenção como aspecto central: é um experimento, um laboratório. No caso específico de *Três guinéus*, em *Virginia Woolf: An Inner Life* (2005), Julia Briggs descreve o ensaio como:

[...] uma crítica ampla do patriarcado e de suas consequências na opressão doméstica, nas esferas separadas, no militarismo e no imperialismo; um livro que levaria trinta anos ou mais antes que fosse completamente entendido e apreciado. Só então suas visões utópicas de uma sociedade de outsiders e suas análises das relações entre as construções da masculinidade e a guerra ressoariam com urgência para uma nova geração de leitores que tentava prevenir novos conflitos (Briggs, 2005, p. 310).⁹

⁷ No original: “The resistance of the essay, it must be said, is not the same resistance of the bodies linking arms and marching in the streets. But these forms of resistance are also not opposed to one another — they do not represent an unreconcilable choice. To write in such a way that we reject the ‘straight path’ of method and instead cast out into what we do not know, Roland Barthes writes in *How to Live Together*, is to recognize our irreducibility, which is also to recognize our force.”

⁸ No original: “In an essay entitled ‘Swift as Intellectual’, Edward W. Said — a great admirer of what he saw as the provisional, anti-systemic nature of the essay genre — praised Swift not for his enduring vision of human life but as ‘an opportunistic political pamphleteer and polemicist’.”

⁹ No original: “[...] a wide-ranging critique of patriarchy and its outcomes in domestic oppression, separate spheres, militarism and imperialism — a book that would take another thirty years or more before it was fully understood or appreciated. Then, its utopian vision of an outsiders’ society, and its analysis of the links between constructions of masculinity and war, would speak with urgency to a new generation of readers attempting to prevent new wars.”

O comentário de Briggs corrobora nossa perspectiva de que o ensaio não é transitório ou provisório, ainda que esteja arraigado a um tempo específico. No caso de *Três guinéus*, o fato de ser um ensaio imbricado explicitamente ao contexto da década de 1930 na Inglaterra não impediu que fosse retomado pelos leitores como um material cultural não apenas histórico, mas também metodológico — voltado à prevenção de novos conflitos, como afirma Briggs. O ensaio, ressalte-se, não é utilitarista; seu caráter metodológico advém do aspecto destacado por Ferguson, no qual o leitor encarna também o lugar do autor e, portanto, não apenas ecoa, mas insere-se na construção das ideias dispostas. Longe de ser provisório, o ensaio é, na verdade, um gênero que, em sua forma, nunca se finda.

Para além das margens do texto, *Três guinéus* gerou um efeito responsivo real nos leitores, resultando em 82 cartas enviadas a Woolf em resposta à obra. Essas correspondências, catalogadas por Anna Snaith em “Three Guineas Letters” (2000a), mostram que Woolf respondeu a muitas delas e manteve contato com alguns remetentes. Tais missivas consolidaram o envolvimento político de Woolf na década de 1930, tanto pelo conteúdo quanto pela reação da autora a elas. Dessas 82 correspondências, 58 partiram de leitores desconhecidos, enquanto as demais eram de amigos e familiares. Um aspecto notado por Snaith é que a própria Woolf organizou as cartas de acordo com o conteúdo, separando-as por obras: havia 23 sobre *As Ondas*, 14 sobre *Um teto todo seu* e 10 sobre *Orlando*, por exemplo. A diferença expressiva no volume de correspondências acerca de *Três guinéus*, que supera a soma das demais, deve-se tanto ao conteúdo insurgente quanto ao caráter epistolar do próprio texto. O ensaio instiga a resposta, pois oferece mais questionamentos e provocações do que soluções definitivas. Woolf entendia as cartas, segundo Snaith, como uma extensão do ensaio, escrevendo à amiga Ethel Smyth: “estou recebendo as cartas mais estranhas, que devo coletar como uma contribuição valiosa para a psicologia” (Snaith, 2000b, p. 3).¹⁰ Para Snaith, Woolf recebeu as cartas como evidências de seu ensaio, que englobava comentários sobre feminismo, guerra, imperialismo e pacifismo. A autora refere-se a elas como “minhas próprias, numerosas, cartas de 3G”, apontando para essa expansão da obra. Este exemplo consolida nossa leitura do ensaio como um texto construído a partir da interlocução; *Três guinéus* não é somente um texto, mas um espaço para pensar que, embora intrínseco à sua contemporaneidade, sobrevive para além dela.

Esse movimento complementar das cartas é relevante porque preenche uma lacuna que a própria Woolf tinha consciência de haver em seu texto: a experiência das mulheres trabalhadoras. Uma das correspondentes de Woolf, Agnes Smith, aponta que a obra não abrange a totalidade das vivências femininas; contudo, em cartas posteriores, ela conclui que o próprio texto faz essa ressalva. Woolf possui, em sua prática missivista e ensaística, a crítica e a solução para um grupo específico: as filhas dos homens educados. Um momento interessante das cartas de Smith ocorre quando ela escreve: “a resposta real para seu livro seria eu escrever o meu, parecido, da perspectiva das mulheres da classe trabalhadora” (Snaith, 2000a, p. 99).¹¹ A resposta de Woolf foi incentivar Smith a escrever uma autobiografia e publicá-la pela Hogarth Press. É

¹⁰ No original: “I’m getting the oddest letters, which I shall collect as a valuable contribution to psychology.”

¹¹ No original: “The real answer to your book would be for me to write a similar one from the working woman’s point of view.”

notável como a escrita é construída coletivamente, apontando para o valor tríplice do ensaio como um gênero que convida o leitor para o centro não apenas do debate, mas da própria criação. De acordo com Snaith:

As cartas de *Três guinéus* demonstram o papel de Woolf como uma intelectual pública, mas uma com quem o público leitor sentia que poderia debater, discutir e corresponder-se. Muitas das correspondências levantam a questão do preço, da disponibilidade do texto e da necessidade de aumentar o público leitor ainda mais (Snaith, 2000b, p. 5).¹²

O projeto de *Três guinéus* — a contingência de seu processo de escrita com os cadernos de colagens e a publicação que desencadeou a recepção de cartas de leitores — aponta para como esse ensaio fomentou a própria ideia de Woolf acerca de liberdade cultural e intelectual. Mesmo nas cartas em que havia discordâncias, como a do motorista de ônibus que escreveu criticando os argumentos de Woolf, à qual ela respondeu com respeito, mas apontando o sexismo do interlocutor, existe um aspecto que confirma o motivo pelo qual a autora escrevera o ensaio: o fato de que políticas globais reverberam em políticas domésticas. Woolf sempre considerou as cartas como contribuições intelectuais de mulheres invisíveis; e as respostas que recebera de suas leitoras, ratificando a opressão intelectual e cultural que sofriam, confirmaram seu ponto de vista. Como afirma Anna Snaith (2000b), *Três guinéus* em sua totalidade aponta para o amplo círculo no qual as ideias de Woolf circulavam e como ela era uma autora que prezava pela entidade do leitor como uma autoridade sobre o texto.

O aspecto antissistêmico do ensaio, destacado por Said, também se relaciona de maneira direta com *Três guinéus*. Em uma crítica à guerra como mecanismo alimentado pelo sistema imperial, Woolf alinha patriotismo e militarismo de modo a endossar a perspectiva de que as políticas internacionais são amplificações das próprias políticas domésticas. No entanto, talvez o aspecto mais antissistêmico desse ensaio seja o modo como ele reverberou negativamente entre os próprios pares de Woolf. O grupo de Bloomsbury recebeu *Três guinéus* com ressalvas, o que aponta para a própria atmosfera misógina de tal ambiente. Vita Sackville-West também escreveu a Woolf contrariada após a leitura da obra, visto que havia nela um ataque à aristocracia. Como citado anteriormente, alguns leitores apontaram falhas e ausências no argumento de Woolf, o que, na verdade, amplificou a potência do ensaio em forma de eco. Outra potencialização antissistêmica de *Três guinéus* refere-se ao modo como o ensaio resiste a uma homogeneização. A voz ensaística não busca meramente persuadir ou convencer, mas estabelecer um espaço de experimentação e construção. É nesse terreno fértil para o debate que *Três guinéus* se consolida como um dos textos seminais do feminismo inglês do século XX; afinal, para além de sua argumentação, sua construção busca dissuadir a ideia de um sujeito soberano, seja ele o autor ou o ditador. A liberdade intelectual e cultural, reverberada inclusive nas respostas de Woolf às cartas, as quais ela considerava como “visões” de seu texto, atesta como o ensaio possibilita

¹² No original: “The Three Guineas letters demonstrate Woolf’s role as a public intellectual, but one with whom her public readership felt they could debate, discuss and correspond. Many of the correspondents raise the issue of the price, availability of the text and the need to increase the reading public even further.”



esse espaço de reivindicação em um contexto de justiça social. Nesse caso, isso demonstra como a injustiça social e as máculas do sistema patriarcal geraram a própria guerra que os homens, representados pelo destinatário da carta à autora, pretendiam solucionar.

O ensaio de Woolf inicia-se com uma apologia: “Três anos é muito tempo para deixar uma carta sem resposta, e a sua ficou aqui à espera de uma resposta por um tempo maior ainda” (Woolf, 2019, p. 9). O direcionamento a um interlocutor ainda invisível e inominado constitui um convite imersivo ao texto — o duplo lugar do leitor como remetente e destinatário das cartas —, mas, além disso, aponta para uma urgência. Por qual motivo responder a uma carta anos após seu envio? A resposta revela-se no fato de que a missiva indagava: como, em sua opinião, vamos evitar a guerra? No contexto de escrita de *Três guinéus*, marcado pela ascensão do fascismo na Europa e pelas ameaças de uma eclosão bélica, a pergunta do remetente fictício de Woolf é forçadamente imposta a essa narradora.

Para além de um ensaio, *Três guinéus* é uma carta. O gênero epistolar é um dos principais meios de deliberação e construção da contribuição intelectual feminina ao longo dos séculos, e Woolf tinha plena consciência disso. Dessa forma, há uma contingência de dois gêneros que são espaços simultaneamente privados e públicos, permitindo que a mulher não apenas pense, mas tenha seu pensamento impulsionado pela escrita. A carta representa esse sentido privativo da elaboração pessoal, enquanto o ensaio simboliza a propulsão de um pensamento em uma escrita que se destina não apenas a um destinatário, mas a um público diverso. Essa dicotomia entre o privado e o público relaciona-se ao modo como Woolf transita entre a guerra e as opressões políticas internacionais e as questões domésticas, como a posição que a mulher ocupa na sociedade em relação aos homens.

Mesmo que todas as filhas dos homens instruídos deixassem, amanhã, de utilizar seus instrumentos de trabalho, nada de essencial, seja na vida da comunidade, seja no esforço bélico, seria perturbado. Nossa classe é a mais fraca de todas as classes do estado nacional. Não temos nenhuma arma com a qual fazer valer a nossa vontade (Woolf, 2019, p. 19).

Notadamente, ao tratar da guerra, Woolf direciona-se a um de seus motivadores: o amor à nação e o ímpeto de defendê-la. A voz ensaística indaga: “Para a irmã do homem instruído, o que o ‘patriotismo’ significa para ela?” (Woolf, 2019, p. 15). A questão aqui posta é que a relação entre nação e cidadão que se estabelece para os homens não é a mesma para as mulheres. Em uma nação cuja cidadã perdia seus direitos ao casar-se com um estrangeiro, que patriotismo seria possível? O sistema que favorece o esforço bélico é o mesmo que retira os direitos das mulheres. Dessa forma, elas não conseguem ajudar a evitar a guerra sem que antes encontrem profissões, renda e se estabeleçam como cidadãs independentes. Nesse ponto, o problema da guerra e de como evitá-la imbrica-se ao próprio problema dos direitos das mulheres nas primeiras décadas do século XX. Woolf tece esse comentário, portanto, a partir de uma perspectiva igualitária. Antes de olhar para fora, para o conflito internacional, ela volta-se às opressões e à guerra que já ocorre dentro do território inglês, envolvendo não apenas gênero, mas raça e classe.

Apesar de sua força crítica, *Três guinéus* também apresenta uma camada ambivalente. Ainda que seja um texto seminal para os direitos das mulheres e um retrato da posição feminista em re-

lação ao sistema imperial, *Três guinéus* também aponta alguns distanciamentos de Woolf quanto à causa feminista, sendo o mais explícito a “queima” da própria palavra “feminismo”. Em alguns momentos do ensaio, Woolf utiliza a imagem do fogo para indicar mudança, como na queima da “universidade antiga”, cujas mulheres instruídas pareciam retroalimentar um sistema que não as incluía. Todavia, quando essa imagem revolucionária é voltada à palavra que parecia dar o tom do ensaio, surge a ambivalência. Woolf descreve o termo “feminista” como “velho”, “viciado”, “corrompido” e “obsoleto”, argumentando que, se feminista é quem defende os direitos das mulheres, “uma vez que o único direito, o direito de ganhar a vida, foi conquistado, a palavra não tem mais sentido” (Woolf, 2019, p. 111). O que parece ser um distanciamento é, na verdade, um jogo retórico. Deve-se lembrar que *Três guinéus* é uma carta com um destinatário específico: “um homem instruído” que “escreve cartas, frequenta reuniões, preside isso e aquilo, faz perguntas, com o som das metralhadoras nos ouvidos” (Woolf, 2019, p. 10). Dessa forma, o que é “queimado” é a concepção de feminista sustentada pelos homens instruídos. A própria definição de “alguém que luta pelos direitos das mulheres” é considerada vaga, pois os argumentos de Woolf perpassam não apenas os direitos femininos, mas também mostram como a máquina patriarcal é danosa para os homens e para as desigualdades sociais. Citando Josephine Butler, Woolf reitera que a reivindicação sempre fora mais ampla, em favor do direito de todos. A alegoria extrema do atear fogo é direcionada a esse destinatário que pediu uma resposta sobre como evitar a guerra, perfazendo um jogo retórico que aponta que a causa feminista sempre foi um dever de todos e para todos. A união contra o fascismo e contra a Alemanha deveria ser também contra o Hitler que habita a própria Inglaterra: o fascismo que permeia as relações sociais, tanto na Inglaterra imperial quanto nas leis que limitam a liberdade das mulheres e de outros grupos marginalizados.

Ainda assim, a crítica de Woolf não é um exercício comum de feminismo, como afirma Michèle Barrett: “seria um grande erro construir Virginia Woolf como uma ideologicamente simples anarquista, lésbica, ecológica, socialista, feminista e antirracista” (Barrett, 2019, p. xlv).¹³ Barrett debate, na introdução de *Três guinéus* (2019) para a *Penguin Classics*, a importância de sincronizar o pensamento de Woolf ao seu tempo, sem mitificar sua escrita como um baluarte político universal. Existem comentários e ideias políticas nas obras de Woolf; no entanto, ao abordá-los como uma maneira de rotular a autora em qualquer uma das ideologias citadas por Barrett, corre-se o risco de estabelecer algo que a própria Woolf não firmou.

Se o ensaio é um gênero no qual há uma autorização de vozes, ele também resguarda a liberdade da sinuosidade. Um ensaísta não precisa revelar-se por completo e, por vezes, utiliza a literariedade para distanciar-se do texto. Isso não apenas enfatiza o valor do objeto de estudo, mas também exime o texto de especulações limitantes acerca da posição da ensaísta. Assim, depreender uma visão política de Woolf a partir de seus ensaios pode limitar seu potencial como escritora, além de representar uma armadilha da subjetividade e dos limites de sua própria ideologia. *Três guinéus* e outros ensaios lidos como políticos e feministas apresentam críticas e ideias fundamentais, mas também limites que devem ser considerados. São limites que a própria

¹³ No original: “It would be a big mistake to construct Virginia Woolf as an ideologically simple anarchist, lesbian, ecological, socialist, anti-racist feminist.”

forma do ensaio permite que o leitor encontre, debata e conteste, o que não deslegitima a contribuição da autora, mas amplifica seu alcance.

4. Virginia Woolf e as vozes dos ensaios: uma possível consideração final

Em *Virginia Woolf: Ambivalent Activist* (2016), Clara Jones explora essa pluralidade e a distância entre os escritos de Woolf e sua vida. Há um limite que Woolf impõe em sua escrita que não reflete exatamente sua experiência real. Como exemplo, cita-se a audiência de *Três guinéus*, composta pelas filhas dos homens instruídos. No entanto, ao analisar a palestra de Woolf para o *Women's Institute*, Jones chama a atenção para o fato de que a autora atingia um público muito maior. Isso indica que a ambição da prática social de Woolf era mais vasta do que seus escritos ensaísticos podem revelar. Além disso, a relação de Woolf com as instituições femininas vincula-se diretamente à guerra. Notamos anteriormente que Woolf inicia *Três guinéus* com uma resposta a um homem instruído que pedia ajuda para evitar o conflito, correspondência que demorou mais de três anos para ser respondida. A iminência da guerra aproximou Woolf da causa e levou-a a refletir sobre os diversos fatores aqui dispostos. Biograficamente, um movimento semelhante ocorre em relação ao Instituto de Mulheres de Rodmell. Embora Woolf tenha se mudado para a localidade em 1919, foi apenas às portas da Segunda Guerra Mundial que ela se juntou à instituição, conforme documentado na carta de Minnie Decour (Snaith, 2000a). Assim, a adesão de Woolf ao instituto ocorreu como uma contribuição para a causa da guerra, fato que era evidente também para os demais membros.

Por fim, o gênero ensaístico permite que Woolf concatene suas ideias políticas e as envolva em um contexto específico, utilizando a literariedade e o potencial narrativo para engajar leitores a partir de suas próprias perspectivas. No que tange à relação entre literatura e justiça social, o ensaio parece ser o gênero mais democrático como espaço para a concatenação e a contestação de ideias. A maleabilidade estética e a liberdade oferecidas, apesar de soarem como uma faca de dois gumes quanto à ética de abordagem do gênero — visto que a valorização da ficção em detrimento do fato nem sempre resultará em uma crítica política ideal —, autorizam pensadores e leitores a envolver diretamente suas experiências subjetivas em contextos políticos. O ensaio é a epítome de que tudo é político, especialmente o silêncio e a aparente ausência de um discurso enviesado; a estética, portanto, é política.

A obra de Woolf é um exemplo prolífico para o debate acerca do ensaio enquanto gênero colaborativo, pois passou por diversos revisionismos críticos ao longo das décadas e segue em constante ampliação, especialmente no que concerne às leituras de *Três guinéus*. O intuito desta pesquisa foi mostrar como o gênero ensaístico permitiu a Woolf e a seus leitores esse exercício, ressaltando a importância de entrar em diálogo com os autores ao compreender seus contextos. Buscou-se não os categorizar ou delimitar as ideias do texto para que se alinhem perfeitamente a certas perspectivas, mas entendê-las em suas incongruências e paradoxos. O ensaio é um gênero que permite que as dicotomias entre público e privado, ou entre particular e coletivo, movam-se em direção a um debate que não se universaliza, mas propõe mudanças onde residem as cons-

ternações. Se há uma importância na luta pelos direitos, esta resguarda também o lugar das individualidades e das subjetividades dentro das lutas coletivas, e o ensaio não só promove um espaço que garante a maleabilidade das vozes que o compõem, como se sustenta nessa premissa antissistêmica do entrelaçamento autor-leitor-obra.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

REFERÊNCIAS

- BARRETT, Michèle. Introduction. In: WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own and three guineas**. London: Penguin Classics, 2019. p. ix-liii.
- BRIGGS, Julia. **Virginia Woolf: An Inner Life**. Orlando: Harvest, 2005.
- DE OBALDIA, Claire. **The Essayistic Spirit: Literature, Modern Criticism, and the Essay**. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- FERGUSON, Frances. The Critical Essay. In: WITTMAN, Kara; KINDLEY, Evan (ed.). **The Cambridge Companion to the Essay**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. cap. 3, p. 49-63.
- JONES, Clara. **Virginia Woolf: Ambivalent Activist**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.
- MOI, Toril. **Sexual/textual politics: feminist literary theory**. London: Routledge, 1991.
- MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Bordeaux: Simon Millanges, 1580.
- ROBBINS, Bruce. Politics and the English essay. In: AQUILINA, Mario; COWSER JUNIOR, Bob; WALLACK, Nicole B. **The Edinburgh Companion to the Essay**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022. cap. 13, p. 217-231.
- SAID, Edward W. Swift as intellectual. In: SAID, Edward W. **The world, the text, and the critic**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1983. cap. 3, p. 72-89.
- SLAUGHTER, Joseph R. **Human Rights, Inc.: the world novel, narrative form, and international law**. New York: Fordham University Press, 2007.
- SNAITH, Anna. "Three Guineas" letters. **Woolf Studies Annual**, v. 6, p. 17-168, 2000a.
- SNAITH, Anna. Wide circles: the "Three Guineas" letters. **Woolf Studies Annual**, v. 6, p. 1-12, 2000b.
- WATT, Ian. **Rise of the Novel**. Berkeley: University of California Press, 1959.
- WITTMAN, Emily. Essay as resistance. In: AQUILINA, Mario; COWSER JUNIOR, Bob; WALLACK, Nicole B. **The Edinburgh Companion to the Essay**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022. cap. 6, p. 98-113.
- WOOLF, Virginia. **Anon**. Trad. Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2024.
- WOOLF, Virginia. **Três guinéus**. Trad. Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2019.

